

'Pacote' deixa dúvidas sobre futuro do País

Da sucursal de
BRASILIA

Poucas vezes o País terá vivido dias tão perplexos e tumultuados como os atuais. Ninguém se entende, por conta da ineficácia das soluções até agora adotadas diante da crise econômica, tendo como resultado especulativas as mais estranhas. Vale prospectar adiante do "pacote" econômico ontem divulgado, última expectativa para os situados do lado de cá, bem como derradeira oportunidade para os que se postam do lado de lá.

E se os seus efeitos não bastarem para a superação ou refluxo da crise, conforme indiretamente admitiu o general João Figueiredo, segunda-feira, e ontem, com mais clareza, o ministro Delfim Netto? Caso a inflação se mantenha irrefreável, aumentando da mesma forma que o desemprego, a alta do custo de vida, as prestações, o déficit público, a dívida externa e os juros? Foi diante disso que o presidente, pela primeira vez, aventou a hipótese do retrocesso institucional, intermediado por explosões sociais. Ou, como disse o chefe da Seplan, pouco antes de entrar na reunião do Conselho Monetário Nacional, se a inflação cair, mas não como o governo gostaria?

Acontecerá o quê? As previsões variam ao infinito, tomando conta da Capital federal, mas, surpreendentemente, na maior parte não nascendo aqui. Figueiredo, por exemplo, já falou um sem-número de vezes que, se for para fechar, não contem com ele. "Entrega tudo ao Pires" ou, na melhor das situações, espera-se, ao sucessor constitucional. Como, em paralelo, também já comentou que, diante de situações extremas, poderá aceitar a reeleição, tente, quem quiser, compatibilizar as duas possibilidades incompatibilizáveis. No meio da boataria há quem suponha o chefe do governo retirando-se antecipadamente para seu sítio de Nogueira, como há, no reverso da medalha, quem o veja dando o golpe, de cima para baixo, restabelecendo a exceção.

Entre os dois extremos, exagerados, injustos e obviamente inadmissíveis, correm inúmeras outras ilações. O parlamentarismo seria a solução, se algum poder estiver com o Congresso, mesmo adotado a toque de caixa como em 1961, pois o governo o admite. A reforma do Ministério estaria iminente, com a substituição do comando econômico-financeiro. Roberto Campos apresentou há dois dias, no Senado, uma alternativa concreta, e poderia ser chamado a executá-la, tendo como companheiro de trabalho, sendo o professor Octávio Bulhões, como em 64, por questões de idade, quem sabe o ex-prefeito Olavo Setúbal? Um no Planejamento, outro na Fazenda, eles pelo menos incutiriam oxigênio na atmosfera carregada dos últimos meses. Ganhariam tempo, externo e interno, para devolver a credibilidade ao País.

Outros supõem que apenas pela convocação de todos os segmentos nacionais, em mesa-redonda, surgiria um diagnóstico eficaz. A esse respeito, porém, Figueiredo já se manifestou, rotulando como inviável e inócua reunir os representantes do empresariado, dos trabalhadores, do Congresso, da intelectualidade, de estabelecimentos superiores de ensino e de instituições de classe. A edição do "pacote" de ontem não demonstra outra coisa, tendo ficado o próprio PDS de fora, apenas participado 24 horas antes. Fala-se, também, na antecipação da

definição sucessória como forma de equacionamento imediato de um plano a longo prazo, a ser iniciado agora e a prosseguir pelo próximo mandato presidencial adentro. Como se fala, mesmo nas entrelinhas, da importância de não deixar os militares tomar o rumo dos quartéis, pois, afinal, se a responsabilidade pelo acontecido é deles, em grande parte, então que aceitem o mote de quem gerou Mateus que o embaile. Para uns, sobrevirão amplas rupturas. Para outros, médias. Todos, porém, imaginam estarmos no limiar de sensíveis mutações. O malogro do "pacote" equivalerá à exaustão de modelos, concepções e pessoas.

Para ficar na sabedoria popular, há que referir outro mote: em casa onde não há pão, todos brigam e ninguém tem razão. Nenhuma outra figura se adaptaria melhor ao presente momento nacional. O presidente irrita-se com seu próprio partido por receber críticas e afrontas ao pretender conduzir e coordenar a sucessão. O PDS, que se declarou inimigo da tecnocracia, agora não poupa mais nem o presidente. Os tecnocratas põem a culpa nos políticos, pois não realizam tudo o que desejariam, especialmente no campo salarial. Os empresários trocam suas atividades privadas por discursos, manifestos e telegramas cada vez mais contundentes, e os trabalhadores dão mostras de pretender utilizar os mecanismos de pressão ao seu alcance.

Até pouco, um clima igual ao referido era característica apenas de Brasília, por conta de sua artificialidade e falta de contato direto com o resto do País. Hoje, não. Pelo contrário, o fenômeno será no mínimo de mão e contramão, pois dos Estados para a Capital federal chegam, em ritmo até maior do que dela para eles, os augúrios e os raciocínios referidos. Pode ser, como dizia ainda ontem o deputado Magalhães Pinto, que não aconteça nada, por milagre, o que já constituirá um estranho acontecimento, mas a possibilidade é remota.

No próprio governo, a perplexidade atinge limites nunca dantes atingidos, paralelamente com a retaliação. Não serão apenas algumas de suas figuras com pretensões à sucessão presidencial que não poupam diatribes à condução da economia. Raros parecem os ministros que deixam de comentar acrememente a política em desenvolvimento. Mesmo no Palácio do Planalto, a desagregação é violenta. Leitoão de Abreu e Octávio Medeiros barraram dispositivos pretendidos por Delfim Netto, daqueles que aumentariam as dificuldades dos assalariados, e por isso Delfim Netto procura outros aliados. Mas o chefe do SNI e o do Gabinete Militar continuam às turras.

Esta semana, falando ao senador Nilo Coelho, o ex-presidente Ernesto Geisel disse já não dormir nem comer. Não se julgará responsável, que é, por conta de sua onipotência e de seu absolutismo, mas se perde o sono e a fome...

Obstáculos

Comentário do ministro César Cals a pessoa de sua intimidade, ontem: "Os núcleos refratários a apoiar a emenda que permite a reeleição de presidentes da República são, por coincidência, os mais comprometidos com candidatos à sucessão". Rápido, chamem o conselheiro Acácio...

C.C.